

DISCURSO, SIMBOLOS E RELAÇÕES DE GÊNEROS: UMA ANALISE DA TRIPLA JORNADA DE TRABALHO DA MULHER E SUAS CONSEQUENCIAS.

Filipe Lins dos Santos

Eveline Lucena Neri

Resumo: O objetivo desse trabalho é mostrar como o discurso e os símbolos sociais interferem diretamente na inserção de um grupo na sociedade. Compreende-se que em razão disso as políticas públicas devem ter como base um estudo crítico do discurso e símbolos que revestem e trazem violações de direitos a determinado setor. Para isso foi utilizada como marco teórico a discussão de interseccionalidade em Kimberlé Crenshaw e consubstancialidade em Danièle Kergoat; o simbolismo de Pierre de Bourdieu e o discurso em Michel Foucault. A metodologia tem um enfoque sócio-jurídico para relacionar como viabilizar uma reflexão sobre os dilemas presentes na estrutura social e estudar uma maneira de garantir direitos através de políticas públicas. As conclusões obtidas com a pesquisa refletem uma compreensão de um trabalho discursivo, isto é, políticas públicas com enfoque linguístico, logo tratando como o discurso produzido na esfera social pode ser de grande importância para garantir direitos, uma vez que busca atingir as bases do poder que elabora a identidade estigmatizada.

Palavras-chaves: Políticas públicas, feminismo e identidade de gênero.

Abstract: The aim of this paper is to show how the discourse and social symbols interfere directly in the insertion of a group in society. It is understood that because of that public policies should be based on a critical study of discourse and symbols lining violations of rights and bringing them to a particular sector. Therefore, the theoretical basis we used was the discussion of intersectionality in Kimberlé Crenshaw and consubstantiality in Danièle Kergoat; the symbolism of Pierre Bourdieu and the discourse in Michel Foucault. The methodology has a legal and social approach to relate how to manage a reflection on the actual dilemmas in the social structure and study a way of securing rights through public policy. The findings obtained from the survey



reflect an understanding of a work of discourse, that is, public policies with a linguistic approach, thus showing how the discourse produced in the social sphere can be of great importance to ensure rights, since it seeks to achieve the basis of the power which develops stigmatized identity.

Keywords: Public policies, feminism and gender identity.

Introdução

O discurso é o elemento fundamental para a compreensão da sociedade, das leis, política e formação dos diversos grupos sociais. Esse elemento se compõem com o símbolo e passam a criar estruturas sólidas de organização e disposição dos indivíduos na malha informacional da comunidade.

Dessa maneira, percebe-se que o discurso e os símbolos são frutos dos jogos do poder em que diversos grupos sociais estão incluídos como forma de saberem qual o seu status dentro das relações desiguais na comunidade.

Com base nisso, pode-se analisar como a mulher está inserido dentro desses processos discriminatórios do discurso e dos símbolos. Para isso foi escolhido à entrada do feminino no mercado de trabalho e a tripla jornada laborativa desempenhada pela mesma. Assim, o objetivo do estudo era verificar como esses problemas são reflexos direitos do discurso e dos símbolos e como eles que revestem a malha social e interferem na garantia de direitos inerentes ao indivíduo.

Infere-se como imprescindível a necessidade de políticas públicas que tenham como foco o discurso social, com o fim de atingir relações de poder para permitir com que o indivíduo tenha de fato efetivação de direitos.

O discurso dentro de relações hegemônicas

Os direitos e a política, enquanto criações e ficções sociais discursivas para a regulação e organização servem como meio para compreender a maneira como os diversos grupos da sociedade são dispostos, assim como os elementos do falar construídos para excluir e incluir indivíduos.

Utilizou-se a palavra *símbolo* para designar o signo lingüístico ou, mais exatamente, o que chamamos de significante. O símbolo tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio,



existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado. (Saussure, 1995: 82)

Dessa maneira surge a necessidade de se discutir o discurso e a hegemonia, pois ambos possuem íntima ligação com a produção do enunciado, uma vez que é possível construir um imaginário real e virtual em que os seres são colocados e elaboram sua consciência de si e produzem suas identidades.

Nesse contexto, o discurso exerce um papel fundamental na organização e disposição dos seres dentro da comunidade, dessa maneira faz-se surgir identidades que são correlacionadas com as divisões e contradições entre os indivíduos.

Com base nisso convém à identidade exerce um papel fundamental na projeção e incorporação dos discursos constituídos e distribuído dentro do mundo dos jogos simbólicos. Nesse processo de identificação é possível o indivíduo abstrair para si um contínuo ritmo de falares que são organizados pela sociedade, a fim de construir a consciência de si.

A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma “lógica” muito diferente daquela da Razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada. {...} A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” {...} Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (Hall, 2006: 36, 38 e 39)

Essa consciência de si se reveste do caráter definidor de quem é o indivíduo, esse momento é singular, pois determina em que campo de batalha ele estará para poder ser aceito ou rejeitado dentro da dinâmica das lutas simbólicas.

[...] a consciência de si é a reflexão, a partir do ser do mundo sensível e percebido; é essencialmente o retorno a partir do *ser-Outro*. Como consciência-de-si é movimento; mas quando diferencia de si *apenas a si* mesma enquanto si mesma, então para ela a diferença é *imediatamente suprasumida*, como um ser-outro. A diferença não é; e a consciência-de-si é apenas a tautologia sem movimento do “Eu sou Eu”. Enquanto para ela a diferença não tem também a figura do ser, não é consciência-de-si. Para a consciência-de-si, portanto, o ser-Outro é como um ser, ou como momento diferente; mas para ela é também a unidade de si mesma com essa diferença, como segundo momento diferente. (Hegel, 2002:136) grifos do autor.



A dinâmica das lutas simbólicas pode ser entendida em Bourdieu ao analisar que a sociedade é um campo organizado que dispõe os símbolos valorizados de acordo com o mercado simbólico e influencia a maneira como cada pessoa será incorporada a comunidade.

Assim o mundo social, por meio sobretudo das propriedades e das suas distribuições, tem acesso, na própria objetividade, ao estatuto de *sistema simbólico* que, à maneira de um sistema de fonemas, se organiza segundo a lógica da diferença, do desvio diferencial, constituído assim em *distinção* significativa {...} Se a estrutura do campo social é definida em cada momento pela estrutura da distribuição do capital e dos ganhos característicos dos diferentes campos particulares, é certo em todo o caso que em cada um desses espaços de jogo, a própria definição daquilo que está em jogo e dos vários trunfos pode ser posta em jogo. Todo campo é lugar de uma luta mais ou menos declarada pela definição dos princípios legítimos de divisão do campo {...} Na realidade, o espaço social é um espaço multidimensional, conjunto aberto de campos relativamente autónomos, quer dizer, subordinados quanto ao seu funcionamento e às suas transformações, de modo mais ou menos firme e mais ou menos directo ao campo de produção económica: no interior de cada um dos subespaços, os ocupantes das posições dominantes e os ocupantes das posições dominadas estão ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas (sem por isso se constituírem necessariamente em grupos antagonistas). (Bourdieu, 2010:144, 149, 150 e 153)

Esse tipo de luta apresentado por Bourdieu reflete a luta por reconhecimento de seu discurso dentro do mundo dos símbolos, assim compreende-se que o motivo de lutar não é pelo status, ou melhor, aceitação social, mas para melhor posição do falar pronunciado dentro da esfera discursiva.

A luta por reconhecimento deveria então ser vista como uma pressão, sob a qual permanentemente novas condições para a participação na formação pública da vontade vêm à tona {...} Portanto, quanto mais forte for a influência da luta por reconhecimento de um determinado grupo, ou quanto maior for o número de exigências sociais em função de uma mudança específica, mais haverá de surgir, por consequência, uma espécie de horizonte de interpretação subcultura que explicará a relação motivacional entre sentimento individual de injustiça e luta coletiva por reconhecimento. (Saavedra; Sobottja, 2008:12 e 16)

Nesse contexto, convém se entender que a relação discurso e luta é íntima e se justificam, conforme Foucault afirma ao declarar que o “discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (Foucault, 2009:10)

Observa-se que as relações de desigualdades sociais representam uma guerra pela colocação do discurso predominante que se insere nesse contexto como instrumento hegemônico e unificador do processo discursivo. Paralelamente, a isso o



discurso predominante viabiliza de acordo com suas redes informacionais a manipulação e influencia sobre aquilo que deve ser dito ou não.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. Quer seja, portanto, em uma filosofia do sujeito fundante, quer em uma filosofia da experiência originária ou em uma filosofia da mediação universal, o discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. (Foucault, 2009: 49)

Isso é importante, porque essa estrutura serve de manutenção para solidificação da hegemonia existente e hierarquizada que influencia o sistema de produção e organização social.

Mas o efeito de conhecimento que o facto da objetivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo a sua identidade, está fundamentado na objetividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum, pois é somente a função de um princípio determinado de pertinência que pode aparecer a relação entre estas propriedades. O poder sobre o grupo que se trata de trazer à existência enquanto grupo é, a um tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única da sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade. {...} o poder quase mágico das palavras resulta do efeito que têm a objetivação e a oficialização de facto que a nomeação pública realiza à vista de todos {...} (Bourdieu, 2010: 117)

Essa relação entre a hegemonia e o discurso é uma linha tênue, mas que se completa, pois ambos existem para os mesmos fins, isto é, a continuidade do poder e permanência das estruturas basilares pelo qual a política, sociedade e o direito se organizaram, portanto favorecem a dominação e domesticação daqueles mais inferiores na escala de hierarquia das relações sociais.

Em resumo, o mercado dos bens simbólicos tem as suas leis, que não são as da comunicação universal entre sujeitos universais: a tendência para a partilha indefinida das nações que impressionou todos os observadores compreende-se se se vir que, na lógica propriamente simbólica da distinção – em que existir não é somente ser diferente mas também ser reconhecido legitimamente diferente e em que, por outras palavras, a existência real da identidade supõe a possibilidade real, juridicamente e politicamente garantida, de afirmar oficialmente a diferença – qualquer unificação, que assimile aquilo que é diferente, encerra o princípio da dominação de uma identidade sobre a outra, de negação de uma identidade por outra. (Bourdieu, 2010:129)



A ideia do autor permite compreender a existência de um mercado simbólico e de um capital simbólico que atua como meio de difusão e fortalecimento da força do discurso, assim como a propagação da violência simbólica. Nesse contexto, convém entender o sentido de violência simbólica, que pode ser compreendida como a transformação das relações de dominação e submissão em relações afetivas e de obediência.

Um dos efeitos da violência simbólica é a transfiguração das relações de dominação e de submissão em relações afetivas, a transformação do poder em carisma ou em encanto adequado a suscitar um encantamento afetivo {...} A alquimia simbólica, tal como acabo de descrevê-la, produz, em proveito daquele que cumpre com esses atos de eufemismo, de transfiguração, de conformação, um capital de reconhecimento que lhe permite ter efeitos simbólicos. É o que chamo de capital simbólico {...} O capital simbólico é uma propriedade qualquer- força física, riqueza, valor guerreiro – que, percebida pelos agentes sociais dotados das categorias de percepção e de avaliação que lhes permitem percebê-la, conhece-la e reconhece-la, torna-se simbolicamente eficiente, como uma *força mágica*: uma propriedade que, por responder às “expectativas coletivas”, socialmente constituídas, em relação às crenças, exerce uma espécie de ação à distancia, sem contato físico. (Bourdieu, 1994:170)

Destarte, infere-se que a sociedade é um organismo composto por diversos processos discursivos que a organizam e dão base para sua fundamentação, dessa maneira a posição dos indivíduos dentro da organicidade da macro postura social encontra-se na busca pelo respeito e interação com os diversos seres humanizados.

Esse processo de interação de trocas fornecida pela macro estrutura social não é construído de forma natural, mas de maneira pensada a fim dos futuros sujeitos permanecerem com os padrões previamente estabelecidos.

Tomemos o paradoxo das relações sociais de sexo: simultaneamente à melhora da situação da mulher, em particular no mercado de trabalho, ocorre a persistência, às vezes mesmo a intensificação, da divisão sexual do trabalho. "Tudo muda, mas tudo permanece igual". Esse paradoxo me parece bastante ilustrativo dos impasses que um tipo de pensamento que segmenta as relações sociais, que os considera isoladamente, enfrenta. A minha tese, no entanto, é: as relações sociais são *consustanciais*⁴; elas formam um nó que não pode ser desatado no nível das práticas sociais, mas apenas na perspectiva da análise sociológica; e as relações sociais são *coextensivas*: ao se desenvolverem, as relações sociais de classe, gênero e "raça" se reproduzem e se co-produzem mutuamente. (Kergoat, 2010:2)

Isso permite concluir a existência de uma ordem discursiva na formação subjetiva dos indivíduos que absorvem identidades e padrões a eles organizados de acordo com as normas instituídas, isto é, a ordem do discurso criado pelos entes majoritários da sociedade permite que nas suas micro relações o discurso possa ser



reproduzido de forma controlada e obedecendo a uma espiritualização dos pontos fundamentais para a manipulação e domesticação.

Dessa maneira o falar possui uma função predominante, a saber: materialização subjetiva do poder de dominação. Isso é feito com a construção material de um discurso que possa atuar, antes de tudo, no inconsciente do indivíduo com o propósito do mesmo incorporar as hierarquias e disposições da sociedade.

O reflexo disso encontra-se na facilidade de dominação proporcionada pela domesticação dos seres após a produção de mais um produto social, logo as fases de produção de um ser, correspondem a uma tentativa de manutenção da hierarquia e desigualdades constituídas, portanto são feitas para o favorecimento da hegemonia.

Apresenta o conceito de interseccionalidade, para analisar a intersecção entre as dominações de sexo e de raça. Para Kimberlé, as relações de dominação encontradas nas análises das categorias de sexo e de raça devem ser pensadas também como estruturas de dominação. (Esmeraldo, 2006: 2)

Essa hegemonia apresentada é sedimentada mediante a formação do discurso que se constrói com o propósito de permitir que os operadores do discurso possam penetrar nas consciências e gerar produtos sociais com o intuito de defenderem seus interesses.

Nesse contexto convém unir o conhecimento da consubstancialidade e interseccionalidade, em que para a segunda é necessário um estudo em separado de diversos problemas sociais, já o primeiro relaciona-se com as diversas conjunturas de estruturas da sociedade trabalhando com os contextos de classes, raças e gênero que se reproduzem e multiplicam, portanto embora que haja um estudo em partes elas não podem ser analisadas de forma dissociada, mas em conjunta.

Tais elementos demonstram a forma como elas favorecem a hegemonia, pois demonstra sua forma dinâmica e estratégica de organizar e separar os seres societários, a fim de hierarquizá-los e elaborar discursos orgânicos para gerar uma naturalização e domesticação dos agir mediante pré-determinação e controle do comportamento.

A tripla jornada de trabalho da mulher

Em face do explanado no tópico anterior torna-se fundamental um estudo de como essas relações hegemônicas interferem diretamente na maneira de inserção de um grupo social, para isso foi escolhido a mulher e sua relação com a tripla jornada de trabalho.



Na tripla jornada de trabalho encontra-se a absorção do feminino pelo papel de mãe, esposa e dona de casa consequentemente um excesso de responsabilidade adquirido pela necessidade de manutenção da ordem e da estrutura do lar.

Essa realidade tem resultado em diversos problemas de saúde sobre a mulher que ao assumir essas responsabilidades acaba por negar-se em diversos aspectos pessoais ao atrair para si encargos existentes pela imagem que ela carrega dentro e fora do lar.

Estudo divulgado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) nesta quinta-feira (19) mostra que as mulheres trabalham mais do que os homens no Brasil quando se calcula o tempo total de trabalho, o que inclui os afazeres domésticos e a jornada formal no mercado de trabalho. Os números, relativos ao ano de 2009, mostram que as mulheres têm uma jornada de cerca de cinco horas a mais por semana do que os homens. A OIT informou que os homens trabalham, em média, 43,4 horas por semana no mercado de trabalho e outras 9,5 horas em casa, perfazendo uma jornada semanal de 52,9 horas. Ao mesmo tempo, as mulheres têm uma jornada total de 58 horas semanais, sendo 36 horas no mercado formal de trabalho e 22 horas em casa. "Entre o conjunto das mulheres brasileiras inseridas no mercado de trabalho, uma expressiva proporção de 90,7% também realizava afazeres domésticos, enquanto que entre os homens tal proporção era significativamente inferior: 49,7%. Essas trabalhadoras, além da sua jornada semanal de 36 horas, em média, no mercado de trabalho, dedicavam cerca de 22 horas semanais aos afazeres domésticos, ao passo em que entre os homens tal dedicação era de 9,5 horas semanais, ou seja, 12,5 horas a menos", informou a OIT no levantamento. (OIT, 2012)

Esse contexto de carga horária excessiva atinge diretamente a saúde feminina que passa a sofrer com a cobrança e consequentemente aumenta-se o nível de stress ocasionando em diversos problemas.

A mulher atual vive um momento de acentuada multiplicidade de papéis e sente-se, consequentemente, muito pressionada. Acha que necessita corresponder a todas as expectativas, internas e externas: ser boa mãe, boa esposa, boa dona de casa, boa funcionária, manter-se esteticamente dentro dos padrões de beleza estabelecidos pela mídia, estar atualizada, ser competitiva e enfim, ser uma super-mulher. No processo de ascensão profissional e social, as tarefas domésticas, os cuidados com os filhos, nem sempre estão divididos adequadamente. A mulher por sua vez, tem dificuldade de abrir mão de algumas coisas para poder conquistar outras. Assim, em síntese, é possível concluir que as causas de depressão em mulheres podem estar relacionadas ao estresse ocupacional e aos fatores bio-psico-físicos, bem como às excessivas jornadas de trabalho, além dos demais fatores desencadeantes da depressão, como os fatores psíquicos como perdas significativas, decepção, superego rígido, culpa excessiva, entre outros. Também existem os fatores circunstanciais que podem ser os conflitos familiares, mudanças adaptativas, economia, entre outros. Porém, ainda não é possível afirmar todas as causas relacionadas ao fenômeno da depressão e isso acontece devido a sua complexidade, a qual tem provocado, questionamentos no ambiente clínico e organizacional. (Picoli, 2012).



Isso ocorre, porque o lar exerce um encargo simbólico e discursivo sobre o feminino em razão das diferenças de gênero, logo embora que ela labore fora do lar, ela não pode abster-se dos seus deveres domésticos, porque isso se relaciona com a seu papel de ser esposa e dona do lar.

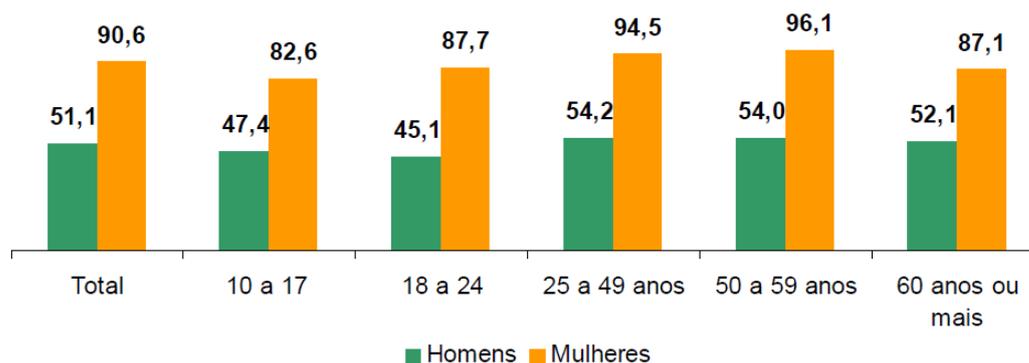
O trabalho doméstico é fundamental na vida das sociedades, ao proporcionar seu funcionamento e reprodução, e na vida das mulheres. É um peso nos seus ombros, pois é responsabilidade delas. É um peso também na sua identidade: a dona-de-casa perfeita é o modelo sonhado da boa educação, e torna-se um objeto de desejo para os homens e uma obsessão para as mulheres. O caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona-de-casa. Isso se espera também da perfeita secretária: que ela coloque flores e que cuide de seu patrão. [...] É um trabalho físico, que depende do corpo, pouco qualificado e pouco mecanizado apesar das mudanças contemporâneas. [...] Os trabalhos domésticos propriamente ditos se amenizaram. Mas os filhos – sua saúde, seus estudos, suas distrações – os substituíram. De tal forma que o doméstico continua a pesar na agenda das mulheres. Sem que os homens colaborem muito mais. Em vinte anos, as mudanças são ínfimas, da ordem de alguns pontos percentuais. Sociólogo do ambiente doméstico [...] Jean-Claude Kaufmann analisa a resistência masculina à tarefa de passar roupa e a muitas outras, assim como a persistência da repartição dos papéis sexuais no teatro cotidiano. (Perrot, 2008: 114, 115, 118 e 119).

Isso ocorre pelo motivo da divisão sexual do trabalho dentro do âmbito doméstico, assim as tarefas mais onerosas são distribuídas ao feminino que não poderá se ausentar em face de sua identidade e da necessidade de obediência aos padrões previamente estabelecidos.

O governo do lar se transformou em *serviço privado*; a mulher converteu-se em primeira criada, sem mais tomar parte na produção social. Só a grande indústria de nossos dias lhe abriu de novo – embora apenas para a proletária – o caminho da produção social. Mas isso se fez de maneira tal que, se a mulher cumpre os seus deveres no serviço privado da família, fica excluída do trabalho social e nada pode ganhar de maneira independente, lhe é isso que acontece à mulher em todos os setores profissionais, inclusive na medicina e na advocacia. A família individual moderna baseia-se na escravidão doméstica, franca ou dissimulada, da mulher, e a sociedade moderna é uma massa cujas moléculas são as famílias individuais. (Engels, 1984:80)

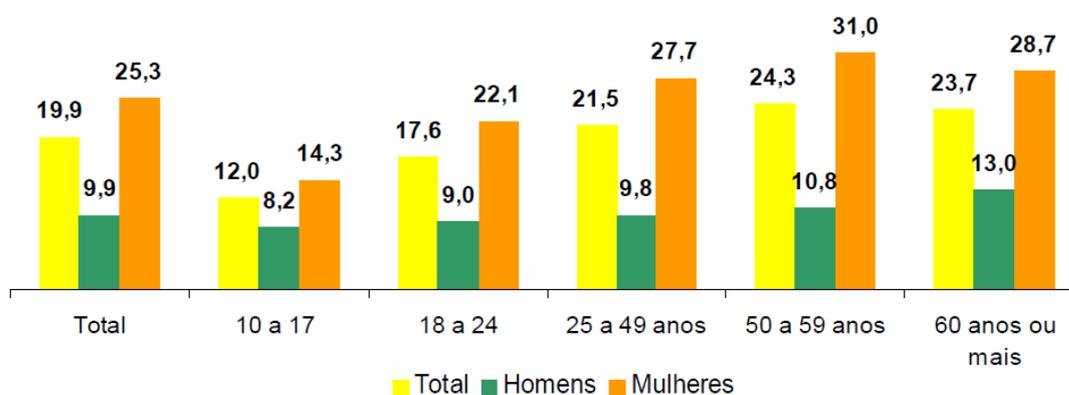
Essa conjuntura é observada em gráficos do PNAD apresentados pelo IBGE em 2005, portanto infere-se que mesmo após 7 anos de conquistas e direitos a situação de sobrecarga do horário de labor feminino ainda permanece, logo ameaça em muito a saúde da mulher, pois pode levar ao stress e diversos problemas psíquicos. Soares e Saboia (2007).





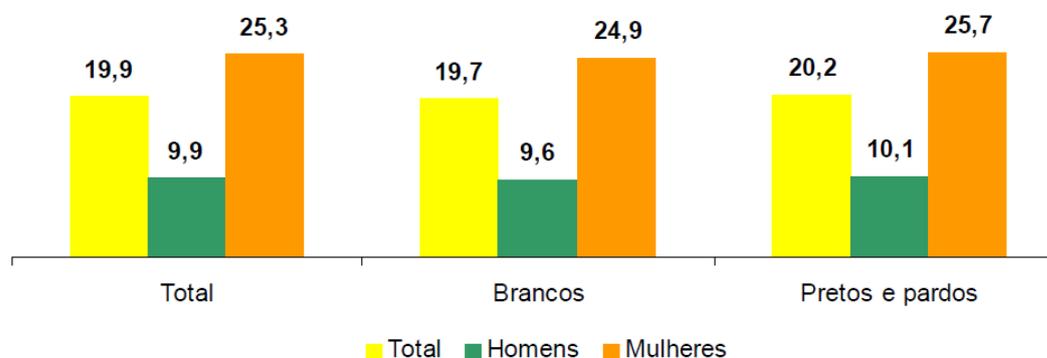
Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

Gráfico 1- Proporção de pessoas de 10 anos ou mais de idade que cuida de afazeres domésticos por sexo e grupos de idade Brasil - 2005



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

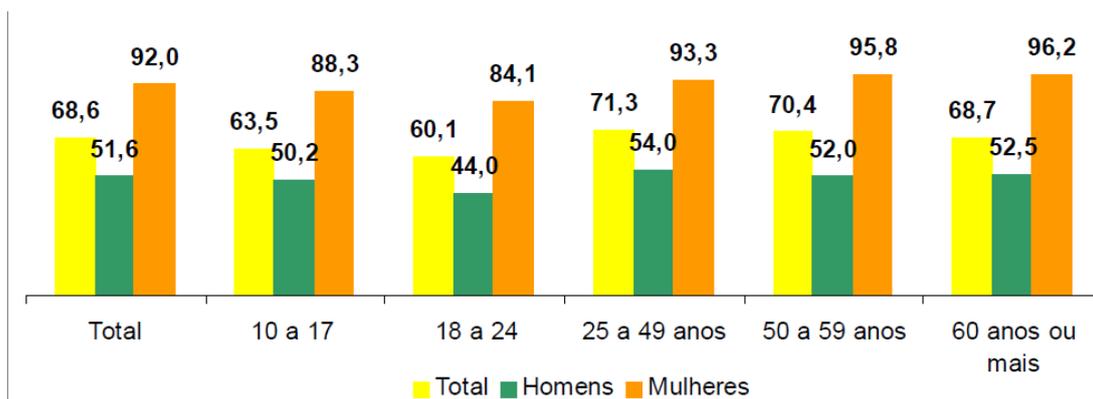
Gráfico 2- Número médio de horas semanais gastas em afazeres domésticos das pessoas de 10 anos ou mais de idade por sexo e grupos de idade Brasil - 2005



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

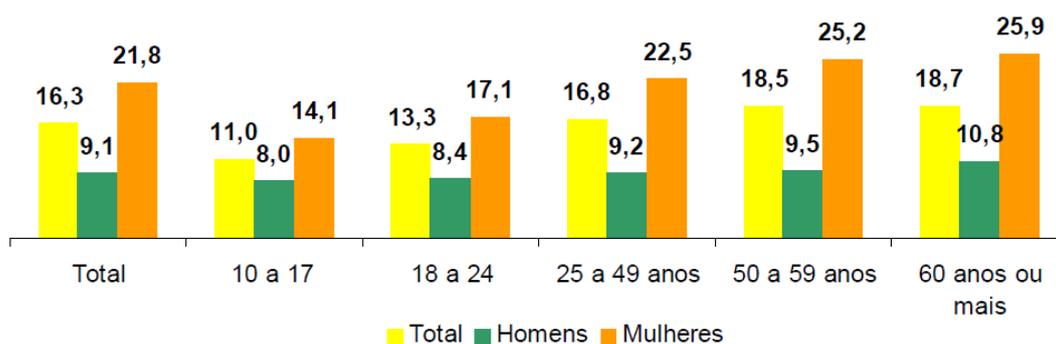
Gráfico 3- Número médio de horas semanais gastas em afazeres domésticos das pessoas de 10 anos ou mais de idade por sexo e cor/raça Brasil - 2005





Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

Gráfico 4- Proporção de pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas que cuidam de afazeres domésticos por sexo e grupos de idade Brasil - 2005



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

Gráfico 5- Número médio de horas semanais gastas em afazeres domésticos das pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas por sexo e grupos de idade Brasil - 2005

Com fulcro no exposto pode-se inferir que a tripla jornada de trabalho atinge diretamente a maneira e a atuação da mulher no mercado laborativo, pois ela fica impedida de alcançar várias conquistas, pois sempre terá que ter o compromisso com o lar.

O reflexo da tripla jornada de trabalho e sua inserção no mercado de trabalho

Um exemplo da problemática dessa inserção é observada quando as mulheres são executivas, pois revela-se outra barreira, isto é, a construção de um ideal de papéis sexuais que inviabilizam as mulheres a exercerem determinados cargos pelas características dadas ao sexo feminino, à consequência disso é o que os estudiosos



chamam de teto de vidro, em que legalmente alcançar determinada função é possível, mas socialmente isso não se concretizará.

Outro aspecto a ser observado dentro das empresas é o fenômeno do “teto de vidro”. Segundo Miranda (2006), o “teto de vidro” é uma barreira sutil e transparente, forte o suficiente para evitar a passagem das mulheres aos níveis hierárquicos mais elevados nas organizações onde trabalham. Como exemplo, na pesquisa das Melhores Empresas para Você Trabalhar, grupo de empresas escolhidas para este estudo, é possível verificar o reduzido percentual de mulheres nos cargos de liderança. Entre os cargos de presidência, vê-se que apenas 4% deles são ocupados por mulheres e, nos demais cargos de liderança das empresas (diretores, gerentes e supervisores), 36% são ocupados por mulheres. Essa informação sugere que há no Brasil um “teto de vidro” que dificulta o crescimento da carreira executiva feminina. Meyerson and Fletcher (2002) afirmam que o preconceito quanto à presença das mulheres no mercado de trabalho também cria essa barreira, que raramente é ultrapassada. (Pires; Lucas; Andrade; Amorim; Fischer, 2010.: 83)

Na análise da inserção das mulheres no mercado de trabalho percebe-se outra zona de exclusão, uma vez que a concentração dessa área dar-se com diversas características, como se observa abaixo:

- As mulheres encontram maior participação no setor de serviço e não na construção, logo ganham destaque em serviços como serviços coletivos, sociais e pessoais, educação, saúde, serviços sociais e serviços domésticos. (Tabela 1)
- O sexo feminino está menos inserido na categoria de empregadores e como trabalhador autônomo. (Tabela 2)
- Num paralelo entre homens negros e mulheres negras a ocorrência de assumir um emprego com carteira assinada é maior para os homens do que nas mulheres. Já se tratando de homens não negros e mulheres não negras o mesmo fato se repete. (Tabela 3)



Sector de atividade econômica	Homens	Mulheres	Total
Agrícola	20,5	12,2	17,0
Outras atividades industriais	1,3	0,3	0,8
Indústria de transformação	14,9	12,4	13,8
Construção	12,6	0,5	7,4
Comércio e reparação	18,5	16,8	17,8
Alojamento e alimentação	3,2	4,8	3,9
Transporte, armazenagem e comunicação	7,2	1,5	4,8
Administração pública	5,4	4,8	5,1
Educação, saúde e serviços sociais	3,9	16,7	9,4
Serviços domésticos	0,9	17,0	7,8
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	3,0	5,9	4,2
Outras atividades	8,3	7,0	7,7
Atividades mal definidas	0,4	0,0	0,2
TOTAL	100,0	100,0	100,0

● Fonte: IBGE. Pnad
Elaboração: DIEESE

Tabela 1: Distribuição das/os ocupadas/os por setor de atividade econômica, segundo sexo. Brasil 2009 (em %)

Posição na ocupação	Homens		Mulheres		Total
	Negros ⁽¹⁾	Não negros ⁽²⁾	Negras ⁽¹⁾	Não negras ⁽²⁾	
Assalariados	29,0	26,6	21,0	23,4	100,0
Conta própria	35,4	31,1	16,8	16,7	100,0
Empregadores	23,4	50,3	6,7	19,6	100,0
Trabalhador na produção para o próprio consumo	26,2	14,1	38,1	21,6	100,0
Trabalhador na construção para o próprio uso	55,1	31,9	7,4	5,6	100,0
Não remunerado	24,4	17,4	29,2	29,0	100,0

● Fonte: IBGE. Pnad
Elaboração: DIEESE
Nota: (1) Pretos e pardos
(2) Brancos e amarelos

Tabela 2: Distribuição das/os ocupadas/os por posição na ocupação, segundo sexo e cor/raça. Brasil 2009 (em %)

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal	Total vulneráveis	2010			
		Homens		Mulheres	
		Negros	Não negros	Negras	Não negras
Belo Horizonte	27,1	24,6	21,1	36,4	27,2
Distrito Federal	27,4	23,9	19,1	36,7	25,4
Porto Alegre	25,3	23,7	22,2	37,0	27,5
Fortaleza	42,8	39,0	32,3	53,3	42,6
Recife	35,9	30,4	28,0	47,6	35,4
Salvador	34,1	29,9	22,3	42,6	26,1
São Paulo	28,8	25,9	23,2	41,4	30,9

● Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE
Nota: (1) Inclui os assalariados sem carteira de trabalho assinada, os autônomos que trabalham para o público, os trabalhadores familiares não remunerados e os empregados domésticos
Obs.: Negros = pretos e pardos; Não negros = brancos e amarelos

Tabela 3: Proporção das/os ocupadas/os em postos de trabalho vulneráveis, por sexo e cor/raça. Regiões Metropolitanas e Distrito Federal em 2010 (em %)



Dessa maneira é possível se perceber como o discurso se projeta na confecção de direitos e construções de identidade na sociedade, porque com base em diversos avanços ocorridos para a autonomia feminina ainda é possível se perceber uma ampla porta de discriminação existente com base numa construção discursiva e simbólica, uma vez que revela a existência de um processo de dominação simbolicamente constituída.

Portanto essa conjuntura reflete a necessidade de políticas públicas que trabalhem com o discurso e os símbolos existentes na sociedade, pois assim serão possíveis alterações reais na igualdade sexual.

Conclusão

Através do estudo, pode-se inferir que a sociedade é produto de um discurso e símbolos que compõem uma ordem imaginária e criam relações hegemônicas dentro de uma conjuntura de lutas pelo poder.

Diante disso, observa-se que essa realidade pode ser perceptível na inserção da mulher no mercado de trabalho e na tripla jornada laborativa que ela exerce, pois ambos são produtos da divisão sexual do labor e representam separações desiguais com base no gênero.

Assim, para se permitir que um grupo social possa ter maior aceitação ou garantia de direitos é necessário que as políticas públicas possam dialogar com o discurso social e com as bases de poder, logo ele precisa ter como foco a organização discursiva na sociedade, destarte precisa atuar naquilo que o discurso preconceituoso ocasiona de violações a determinado grupo.

Portanto, compreende-se que essas ações estatais deve se propor a atuar sobre o os problemas sociais a partir da análise das consequências do discurso sobre as mulheres, em face disso ele deve se organizar para impedir violações a direitos humanos.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. (2010). **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. (1994). A economia dos bens simbólicos. In: Faculdade de Antropologia e Sociologia da Universidade Lumière-Lyon II, , **Curso**, : 1994. p. 157 – 197.



_____. (2002). **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. (1977). O que falar quer dizer. In: Congresso da AFEF (Associação Francesa dos Docentes de Francês), 1977, Limoges, **Palestra**, Limoges: Le français aujourd'hui. p.1 -15.

DIEESE. (2011), **Anuário das mulheres brasileiras**. São Paulo: DIEESE.

ENGLES, Friedrich. (1984) **A origem da família, do Estado e da propriedade privada**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. (2006) O feminismo no plural: para pensar a diversidade constitutiva das mulheres. **Revistas de Estudos Feministas**. Santa Catarina, nº 3, vol. 14, p. 1-3.

FOUCAULT, Michel. (2009). **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. (2002). **Fenomenologia do Espírito**. 6ª Edição: Rio de Janeiro: Vozes.

KERGOAT, Danièle. (2010) Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos – CEBRAP**, Trad. Antonia Malta Campos, São Paulo, nº 86, mar.

HALL, Stuart. (2006). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A.

LIPP, Marilda E. Novaes; TANGANELLI, M. Sacramento. Stress e qualidade de vida em magistrados da justiça do trabalho: diferenças entre homens e mulheres. **Psicologia: reflexão e crítica**, Rio Grande do Sul, nº 15, vol. 3, p. 537-548.

Martello, Alexandro. **Contando jornada doméstica, mulher trabalha mais do que homem, diz OIT**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2012/07/contando-jornada-domestica-mulher-trabalha-mais-do-que-homem-diz-oit.html>>. Acesso em: 13/10/2012.

PICOLE, Alice. **A Relação entre Tripla Jornada e Depressão Feminina**. Disponível em: <<http://artigos.psicologado.com/psicopatologia/saude-mental/a-relacao-entre-tripla-jornada-e-depressao-feminina#ixzz2YxowafFa>>. Acesso em: 19 jul. 2013.

PIRES, Fernanda Mendes; LUCAS, Angela Christina; ANDRADE, Sandra Mara de Andrade; AMORIM, Wilson Aparecido Costa de; FISCHER, André Luiz Fischer.



(2010). Gênero e as Práticas de Gestão nas Melhores Empresas para se Trabalhar no Brasil. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, São Paulo, n. 1, p.81-94.

SAUSSURE, Ferdinand. (1995). **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix.

SAAVEDRA, Giovani Agostini; SOBOTTKA, Emil Albert. (2008). Introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth. **Civitas**, Porto alegre, n. 1, p. 9-18, jan-abr.

SOARES, Cristiane; SABOIA, Ana Lucia. (2007). **Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005**. Rio de Janeiro: IBGE.

